

O DESENHO NA SALA DE AULA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: ALGUMAS PROPOSIÇÕES

Érika Casaes Lima¹

Resumo

Toda criança desenha. Ao se debruçar no papel, vai rabiscar seus anseios, percepções da vida cotidiana, seu mundo interior será impresso naquele momento. Mesmo que não seja disponibilizado para ela lápis e papel ou outro material didático, encontrará uma forma, ainda que pré-histórica, de deixar registrado aquilo que pensa: nas paredes da casa, na terra, no quintal, em um muro. Ainda que não tenha adquirido grandes avanços no campo da coordenação motora, a criança é capaz de utilizar materiais diversos para compor seus primeiros registros gráficos e, à medida que evolui, seu grafismo vai se tornando mais perceptível aos olhos dos adultos. A Educação Infantil, entendida como processo alfabetizador, não deve girar apenas em torno da escrita convencional, pois o desenho deve ser considerado como primeiro registro gráfico da criança; através dele podem-se descobrir as expectativas das crianças, o que esperam do mundo da escrita e quais são as suas motivações pessoais para aprender a escrever. Em vista disso, este estudo faz uma reflexão sobre a importância do ato de desenhar, a qual trouxe como resultado uma pesquisa-ação junto com os professores de Educação Infantil de uma escola da rede particular de ensino em que o ato de desenhar foi o fio condutor processual da análise teórico-prática.

Palavras-chave: Criança. Desenho. Prática pedagógica.

DRAWING IN THE CLASSROOM AND THE PEDAGOGICAL PRACTICE: SOME PROPOSITIONS

Abstract

Every child draws. When they hunch over a piece of paper, they are going to scribble their aspirations, perceptions of everyday life, their inner world is printed at that moment. Even if pencil and paper or other materials are not available, they will find a way, albeit prehistoric, to leave a register of what they think: on the walls of the house, on earth, in the backyard, on any other wall. Even if they have not yet acquired great advances in the field of motor coordination, they are able to use various materials to compose their first graphic records and, as they evolve, their form will become more noticeable in the eyes of adults. Early childhood education, understood as a literacy training process, should not just involve conventional writing, because the drawing should be considered as the child's first graphic record, and through it one can discover their expectations, what they expect from the world of writing and what are their personal motivations for learning how to write. In view of this, this study makes a reflection on the importance of the act of drawing. The result was an action research with early childhood teachers of a private school in which the act of drawing was the thread of the theoretical and practical analysis.

¹ Pós-graduação lato sensu em Metodologia do Ensino Superior. Faculdade de Amambai – FIAMA – UNIESP – MS. Contato: erika.casaes@yahoo.com.br

Key words: Child. Drawing. Pedagogical praxis.

Introdução

Sendo o desenho infantil o primeiro registro gráfico da criança e expressão da construção particular do conhecimento do mundo que a cerca, o professor deverá estar preparado para compreender o que cada aluno deseja expressar naquele registro, bem como utilizá-lo a seu favor como avaliação contínua do processo de aprendizagem. A partir do momento em que adquire conhecimentos sobre a evolução do grafismo infantil, o professor está preparado para compreender melhor o processo de construção da aprendizagem de cada aluno, uma vez que o desenho é o primeiro registro da apreensão da realidade feito pelo aluno; nele o professor perceberá a noção de espaço adquirida pela criança, seus sentimentos ao utilizar as cores, se no ambiente familiar há algum tipo de acompanhamento, pois o desenho e o desenvolvimento da linguagem estão diretamente interligados.

Segundo Hoffmann (2000, p. 76), “processos avaliativos destinam-se a relatar para onde a criança se encaminha, quais são suas potencialidades, confiando no seu processo permanente de aprendizagem”. Desse modo, na Educação Infantil, os registros gráficos se constituem no principal subsídio de observação e avaliação do professor. É possível observar também a compreensão do mundo da escrita pelos desenhos, pois os alunos começarão a incluir em seus desenhos letras, primeiramente as iniciais do seu nome ou dos colegas de classe e mais tarde várias letras agrupadas, na tentativa de explicar através de um “texto” o seu registro, pensamento – conseqüentemente, a sua linguagem.

É necessário ressaltar que o professor deve estabelecer um diálogo transparente e aberto a discussões com seu aluno, sem subestimar suas potencialidades, para que a compreensão do que se aprende ou do que se pretende construir seja clara. Saber (1995, p. 99), afirma que “aprender a questionar os desenhos infantis é essencial para o acompanhamento dos progressos e também para aprendermos a deixar de lado os nossos critérios de valor”, ou seja, faz parte do cotidiano pedagógico estar atento a todas as tentativas de interpretação da realidade realizada pelos alunos.

As instituições escolares também deverão ter suas salas de Educação Infantil adequadas para o bom desenvolvimento dos seus alunos de forma integral, afinal, esse é um espaço de convivência e produção em que provavelmente passarão a maior parte do seu tempo. Assim, deve-se ter luz adequada, uma sala de aula clara e arejada, com lugares reservados para guardar materiais de uso pessoal e coletivo e expor seus trabalhos para que possa apreciá-los em seus devidos lugares, especiais para eles. Nessa ótica, Craidy e Kaercher (2001, p. 110), afirmam que, “quanto mais respeitado o espaço de uma criança, mais ela saberá respeitar o espaço dos adultos e menos haverá chance de esta criança estragar a mobília ou outros espaços da casa”.

Por isso, o professor deverá reservar um espaço específico para a realização de trabalhos artísticos, para que o aluno reconheça esse espaço como seu, preservando-o e se sentindo à vontade para realizar suas atividades. Esse espaço poderá ser uma sala específica de artes, se a escola dispuser de espaço físico suficiente, ou dentro da sua própria classe, com materiais ao seu alcance. Quando percebe que existe um local determinado para a realização de suas produções, a criança entende que não é importante rabiscar a mobília, paredes de sua casa, como geralmente acontece na infância. O professor deverá orientar os pais a também organizar um espaço em casa para seus filhos: pode ser em seu quarto, uma

mesa pequena com cadeira, ou estabelecer um combinado com a criança de num determinado momento em casa disponibilizar papel e lápis. Obviamente, nem todas as crianças poderão ter essa necessidade atendida, especialmente brasileiras, haja vista que infelizmente a maioria da população brasileira vive à margem dessa proposta. Contudo, é preciso salvaguardar que este estudo revela a verdadeira condição a ser dada ao aluno: independentemente de raça, etnia e cultura, todos deveriam ter espaço respeitado e com qualidade.

Segundo Craidy e Kaercher (2001, p. 120-121), “a organização correta é fundamental para que a criança situe-se em relação ao seu espaço de trabalho, o espaço de trabalho dos colegas, os materiais utilizados especificamente em cada atividade, os usos individuais e coletivos”. Assim, além de sentir-se parte daquele ambiente, manipulando os objetos que estão ali contidos, o aluno aprenderá a organizar-se não somente no ambiente escolar como também em outros espaços de convivência, como sua casa.

Quanto à quantidade e especificidade de materiais para a realização de atividades, o professor deverá perceber que, quanto maior a variedade, maiores serão as possibilidades da criança: caixa de ovos, lápis de cor, canetinhas coloridas, cola, madeira, lixas, garrafas, algodão, tecidos. Dessa forma, a classe terá a oportunidade de explorar diferentes texturas, cores e possibilidades de criação.

É válido lembrar que o professor deve estar atento ao desenvolvimento psicomotor infantil, pois o trabalho com tintas e pincéis, por exemplo, dependerá desses conceitos. Diversos autores sugerem o trabalho de pintura inicialmente com os dedos e com as mãos, devido à segurança que as crianças já sentem com essa parte do corpo. Vários trabalhos podem ser desenvolvidos com as mãos, como carimbo em tecidos, folhas de papel sulfite ou outras que estejam disponíveis, pintura a dedo, textura com gesso, escultura com massa de modelar, entre outras.

Quanto ao trabalho com cores primárias, secundárias, quentes e frias, deve ser realizado pausadamente, para que cada aluno perceba as suas diferenças e internalize conceitos. Como para a criança as cores nos primeiros registros gráficos não têm muita importância, ou podem não ter relação com a figura real (poderemos ter flores azuis e pessoas vermelhas), ou ainda apenas representar seu estado de espírito naquele momento, o professor deverá desenvolver um trabalho em que sua classe descubra uma cor de cada vez e posteriormente realizar atividades nas quais as misturas de cores estejam presentes, utilizando diversos materiais: têmpera guache, sucos em pó, massa de modelar etc.

Pode-se trabalhar com uma cor de cada vez antes de oferecer todas as cores para a criança. As cores primárias – amarelo, vermelho e azul – são suficientes, visto que as crianças, sem querer, criaram novos tons e cores e secundários. O branco pode ser incluído, pois suavizará o resultado final e quase não interferirá nas cores que por acaso se mantiverem originais. (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 117).

Nessa ótica, percebemos que a descoberta e a utilização das cores nas produções artísticas acontecem de maneira gradual, e o professor deve proporcionar atividades prazerosas que auxiliem essas descobertas, sempre respeitando a maneira individual como cada aluno passa a perceber o mundo das cores. Jogos como bingo de cores, dominó com cores ou outros criados individual ou coletivamente são alternativas que auxiliam nesse trabalho.

Devemos salientar que para a realização de atividades com substâncias coloridas o aluno deve utilizar uma roupa adequada, que possa proporcionar liberdade para ele movimentar-se e manipular objetos, diferentemente dos pequenos aventais solicitados no início de cada ano letivo. A escola, juntamente com os professores, pode criar uma roupa para atividades de artes plásticas, oportunizando também os pais a dar sugestões, criando dessa maneira um momento de integração família-escola nas atividades das crianças.

Vale destacar ainda que cabe ao professor não esquecer que para o desenvolvimento de um trabalho com grafismo é muito importante a apresentação de obras de pintores, cartunistas, entre outros, para que sejam apreciadas e sirvam de modelos para os alunos. Não que o aluno será ensinado a copiar, mas deverá conhecer a forma como foi produzida cada obra para que possa aperfeiçoar cada vez mais o seu traço. Segundo Saber (1995, p. 73), “a imitação é essencial para o desenvolvimento dos afetos, da socialização e do pensamento. A criança se sente mais próxima do outro tanto como sente o outro próximo dela”.

Ademais, a imitação é um processo interno importante para o desenvolvimento psíquico da criança, principalmente no que diz respeito à evolução do grafismo. Conforme destaca Oliveira (1997, p. 63), “ligado aos procedimentos escolares, mas não restrito à situação escolar, está o mecanismo de imitação, destacado explicitamente por Vygotsky. Imitação, para ele, não é mera cópia de um modelo, mas a reconstrução individual daquilo que é observado nos outros”. Assim, se a criança observa um adulto a escrever e tenta imitá-lo garatujando, o mesmo acontece com o desenho: o aluno observa a obra apresentada pelo professor e pode identificar aspectos àqueles presentes nos seus desenhos e dessa maneira aperfeiçoá-los.

O professor, principalmente aquele que é alfabetizador, deve compreender o desenho como um ensaio para a escrita convencional, já que é utilizado pela criança para atribuir significado àquilo que é observado em seu cotidiano. Inicialmente, na Educação Infantil, desenho e escrita se confundem, fazem parte do cotidiano da criança, porém um complementa o outro. Segundo Ferreiro e Teberosky, (1999, p. 78), “texto e imagem formam um todo complementar. Ambos são uma unidade com vínculos muito estreitos, que juntos expressam sentido”. Todas as intervenções pedagógicas realizadas nesse aspecto devem ser feitas com a finalidade de compreender o que o aluno quer dizer, como está a sua percepção de mundo e o que podemos fazer para ajudá-lo a compreender melhor a realidade que o cerca, atentando para a sua maturação psíquica e emocional.

É importante mencionar, ainda, que como a aquisição da língua escrita e, para Vygotsky, a aquisição de um sistema simbólico de representação da realidade, também contribuem para este processo o desenvolvimento dos gestos, dos desenhos e do brincar simbólico, pois essas são também atividades de caráter representativo, isto é, utilizam de signo para representar significados. (OLIVEIRA, 1997, p. 72).

Nessa perspectiva, a necessidade do brincar, da realização de jogos e de diversas atividades ligadas ao desenho e produções artísticas contribuirá para a aquisição futura da língua escrita convencional. Essas atividades deverão fazer parte do cotidiano pedagógico, cabendo ao professor a tarefa de contextualizá-las de acordo com a realidade e necessidade da sua turma. O desenvolvimento das capacidades dos alunos está diretamente ligado ao seu ambiente cultural e às oportunidades oferecidas na escola para praticá-las.

No caso de o desenho ser, como diz Vygotsky, “a pré-história da linguagem escrita”, se torna importante estimular esse tipo de produção dentro e fora da sala de aula.

Mais uma vez, a intervenção pedagógica deve acontecer a fim de orientar a família no que diz respeito a oferecer materiais como lápis e papel para seus filhos, conversar sobre suas produções e trocar essas experiências com a escola, que poderá organizar, por exemplo, uma mostra de desenhos ou algum outro tipo de evento, para valorizar essas produções.

Portanto, a instituição escolar deve investir na capacitação dos professores para que estejam aptos a interpretar as expectativas e progressos dos seus alunos no que diz respeito ao grafismo, organizar, conforme as possibilidades de horário, grupos de estudo sobre o assunto, sugerir e fornecer bibliografia, organizar palestras e seminários, que poderão ser abertos à família, dependendo do interesse de cada um. O professor deve estar seguro e atento aos aspectos emocionais e psicológicos dos seus alunos a fim de realizar as intervenções necessárias no desenvolvimento de cada um deles, estimulando avanços que espontaneamente não aconteceriam.

Faz-se necessário lembrar a importância de conceitos e práticas já conhecidos pelos professores, como o diagnóstico da turma e das famílias para o bom desenvolvimento da prática pedagógica. Ademais, sobre o estudo do desenho e a práxis pedagógica, é válido o que Oliveira (1997, p. 62) afirma: “o único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento”.

A instituição escolar e os professores devem desenvolver todas as práticas pedagógicas aqui discutidas a fim de valorizar o desenho e percebê-lo como construção da leitura e da escrita convencional, pois o aluno deve compreender que todo registro escrito contribuirá para a sua história e do grupo social no qual está inserido.

1. Contexto do projeto

Considerando a importância da pesquisa para a compreensão do desenho infantil como primeira representação gráfica da criança, bem como a análise da prática pedagógica exercida pelos docentes nessa área, foi realizado no ano de 2008 um projeto de intervenção em uma escola da rede particular de ensino na cidade de Barreiras, Bahia, com base em uma proposta construtivista-interacionista. O projeto se destinou da Educação Infantil até a quarta série do Ensino Fundamental, que já se encontra na proposta de nove anos.

A referida escola possui uma filosofia de trabalho que privilegia o desenvolvimento cognitivo (conhecimento conceitual, raciocínio e capacidade de decisão e as habilidades de linguagem e representação), o desenvolvimento socioafetivo (autoestima, empatia e relações interpessoais), assim como os limites necessários para uma boa convivência social.

Sua direção na época era exercida por uma profissional formada em Administração de Empresas, sob a coordenação de uma pedagoga, ambas especializadas em Educação Infantil. Naquele ano, a referida escola já desenvolvia seu trabalho havia vinte e cinco anos, objetivando sempre o cumprimento da responsabilidade humana, mediada por valores, princípios, normas e formas de ações, bem como pelo compromisso científico dinamizado por meio do trabalho com o saber escolar.

Durante a pesquisa, foi distribuído para os professores que trabalham com a Educação Infantil (Maternal, Nível I, Nível II e Alfabetização) – a instituição escolar já atende ao novo sistema de ensino, no qual a Alfabetização é considerada como o primeiro ano do Ensino Fundamental – um questionário de abordagem onde deveriam responder às seguintes perguntas:

- Qual a periodicidade em que se trabalha com o desenho?
- Qual a forma como as produções artísticas são utilizadas em sala de aula?
- Quais materiais geralmente são realizados para compor essas produções?

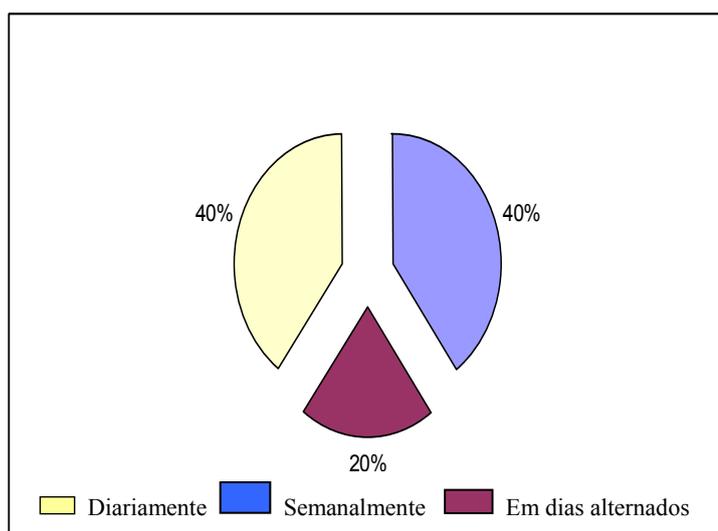
- De que maneira os alunos se comprometem com esse tipo de atividade?
 - De que forma o desenho contribui para o desenvolvimento da aprendizagem?
- Tais questões serão avaliadas a seguir.

1.2 Análise de dados do questionário aplicado: Projeto de Intervenção

Na turma do Maternal, 40% dos professores solicitam aos seus alunos diariamente o registro de histórias, interpretação de quadrinhas, trava-línguas, resolução de problemas, através de desenhos, além de produção livre. Na turma do Nível I, além de ser usado livremente, o registro através de desenho é amplamente utilizado em dias alternados, o que corresponde a uma margem também de 40%, para registrar a opinião ou conhecimento de cada criança acerca de determinado assunto.

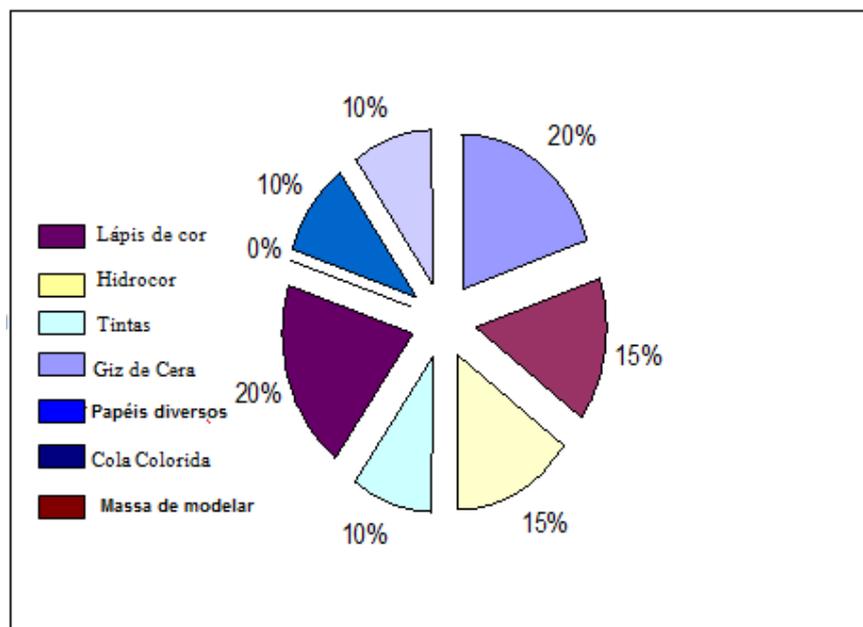
Na Alfabetização, os registros através de desenhos são solicitados pela professora em dias alternados com a finalidade de registrar uma brincadeira ou ilustração de histórias também no próprio módulo. Esses dados podem ser observados no Gráfico 1.

Gráfico 1. Periodicidade do trabalho com Desenho Livre.



Já na turma do Nível II, o desenho é utilizado em dias alternados para contar e recontar histórias e registrar preferências das crianças sobre determinado assunto. Observa-se também que esses registros geralmente são realizados quando requisitados pelo módulo de estudos selecionado pela escola como livro didático.

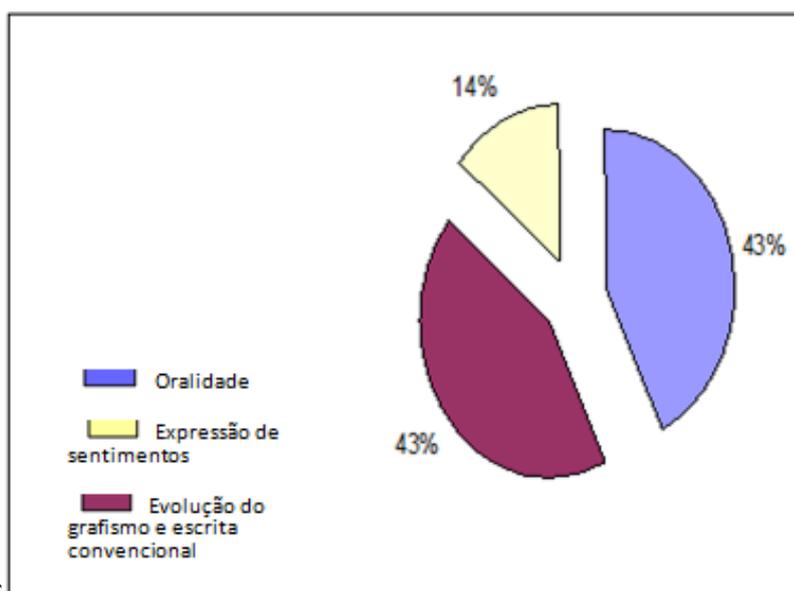
Gráfico 2. Materiais utilizados nas Produções Artísticas.



Quanto à utilização de materiais, não foi relatado emprego de diversos materiais tridimensionais, salvo massa de modelar, pelas professoras do Maternal, Nível I e Nível II (Gráfico 2). Todas as professoras relataram que utilizam papéis diversos, canetinhas coloridas, giz de cera, lápis de cor, cola colorida, cola branca, entre outros.

A utilização de materiais como botões, tecidos, serragem e outros também não foi citada pelas professoras. Apesar de o manuseio com materiais tridimensionais não acontecer ou não se dar de maneira frequente, segundo os professores, os alunos se comprometem com as atividades de maneira lúdica, espontânea e criativa.

Gráfico 3. Contribuição do desenho para a aprendizagem escolar.



De maneira geral, os professores acreditam na importância do desenho para a evolução do grafismo infantil, conforme demonstrado no Gráfico 3. Puderam ser levantadas as seguintes afirmações:

- É através do desenho que a criança expressa suas emoções, sentimentos e experiências vivenciadas no cotidiano;
- É imprescindível que o professor conheça a história da evolução do desenho, porque é através dos desenhos que a criança começa a ser inserida no mundo da escrita;
- O desenho auxilia no desenvolvimento da oralidade, além de contribuir para a organização de ideias, transportando o imaginário para o papel.

Dessa maneira, pode-se concluir que os professores dessa instituição escolar acreditam na importância do desenho para o processo de aquisição e desenvolvimento da escrita convencional, além de o considerarem como instrumento de expressão utilizado pela criança para compreender a realidade em que vive e registrar sua história dentro do contexto social em que está inserida.

1.3 Análise dos desenhos das crianças: projeto-ação

A partir da realização do projeto-ação na escola – campo de pesquisa – com crianças de três a seis anos de idade, ficou muito mais compreensível a importância da relação mundo infantil-desenho: sua satisfação em deixar sua marca, seu registro no papel como forma de compreensão daquilo que vê e o comprometimento em contribuir com sua opinião sobre a história ouvida.

Tal análise foi possível ao se planejar o conto da história “Branca de Neve e os Setes Anões”, que foi apresentada com ludicidade, contada às crianças com detalhes sonoros através do uso adequado das situações narradas com entonação de vozes, como também com gestos articulados aos movimentos dos personagens apoiados pelo uso do avental ilustrativo. Tudo isso possibilitou um envolvimento agradável e muito atrativo, pois elas ficaram atentas e ao mesmo tempo curiosas com relação ao final da história.

Vale destacar que esse conto é muito conhecido pelas crianças, mas o que despertou interesse foi a forma como foi narrado.



Foto 1. Intervenção pedagógica: momento do conto “Branca de Neve e os Sete Anões”.

Logo após a narração da história, foi solicitado às crianças que a recontassem por meio de desenhos. Esse momento foi de alegria, integração e espontaneidade: todas as turmas participaram ativamente da proposta, obviamente que cada uma com suas especificidades, mas o objetivo da pesquisa foi sendo conquistado a cada turma trabalhada e todos os gestos, falas, olhares e até mesmo inferências espontâneas das crianças foram infinitamente significativas para o redirecionamento das análises aqui apresentadas.



Foto 2. Momento de produção: registro da história por meio de desenhos.

Em meio ao fascínio demonstrado pelas crianças, puderam ser feitas as seguintes observações:

- O conto de fadas “Branca de Neve e os Sete Anões” fez as crianças tentarem resolver questões básicas que dizem respeito a si mesmas: como posso resolver os meus problemas? Como eu deveria agir? Será correto pensar ou sentir os mesmos sentimentos das personagens da história lida/escutada?;

- As crianças na faixa etária de três a quatro anos de idade, na sua maioria, acreditam que o contador da história faz parte dela;

- Os desenhos produzidos com base no recontar de histórias, além de colaborarem para a imaginação e criatividade, favorecem a análise de comportamento a partir das ações dos personagens da história.

Segundo Zabalza (1998, p. 51), “tudo na Educação Infantil é influenciado pelos aspectos emocionais: desde o desenvolvimento psicomotor até o intelectual, o social e o cultural”. Por esse motivo as produções artísticas que são construídas a partir de histórias, contos de fadas mostram para os educadores resultados do desenvolvimento emocional da

criança. Através dos contos de fadas, a criança aprende a controlar seus medos, aceitar comportamentos diferentes dos seus ou que lhe parecem desagradáveis.

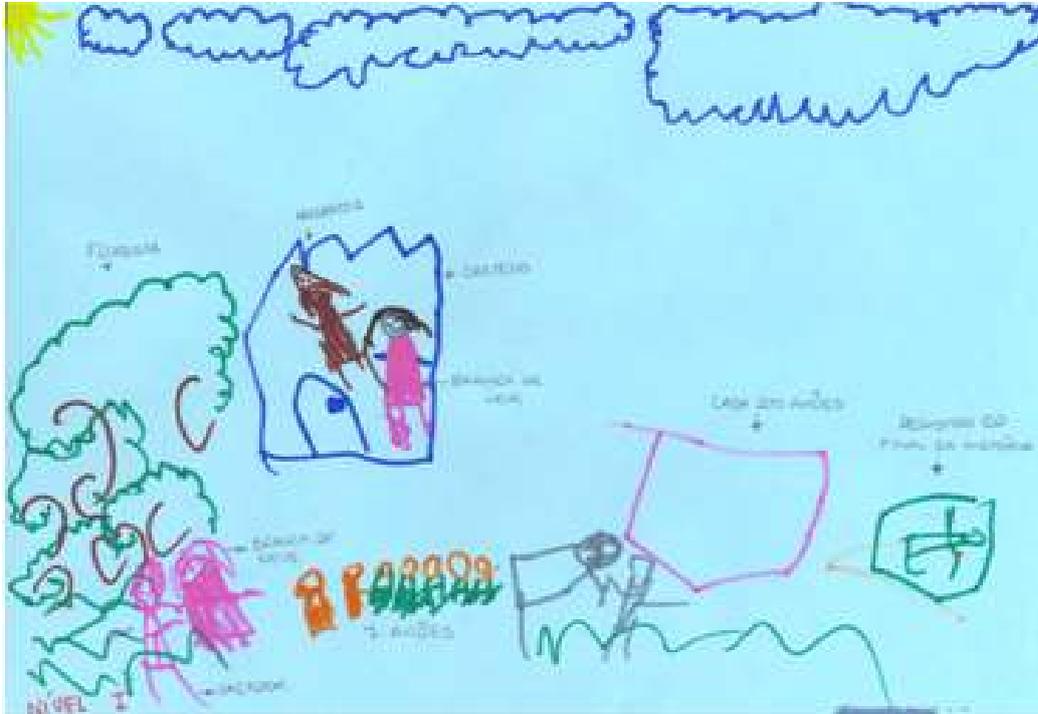
Ilustração 1. A diferenciação entre letras e desenhos: desenho da criança S. (3 anos).



Na turma do Maternal, pode-se perceber que a metade das crianças já distingue desenho de escrita e apresenta as primeiras garatujas nas suas produções como tentativa de explicar através da escrita convencional a sua compreensão da história que foi contada. Pode-se perceber também a presença da figura girino e da figura irradiada, bem como a tentativa de reproduzir as características da face humana, dando ênfase principalmente aos olhos, ora completos com íris e cílios, ora apenas com dois círculos fechados, pois nessa fase, segundo Greig (2004), o desenho de um círculo deve organizar-se a partir de um rabisco redondo, mais ou menos nítido, em anel, completado pelos olhos e pelos elementos irradiantes do tema, no caso utilizado na composição dos cabelos das personagens principais (Branca de Neve, Príncipe, Anões etc.). Na ótica da Linguagem Matemática, as crianças nessa faixa etária fazem tentativas de representação da quantidade de personagens através de riscos ou “bolinhas”.

Percebe-se que as cores não exercem importância na composição do desenho, fato considerado normal por Saber (1995), pois, segundo a autora, a correspondência entre cores e objetos irá evoluir gradativamente à medida que as semelhanças, detalhes, elementos decorativos passarem a ter importância para as crianças. As letras encontradas aleatoriamente nessas produções geralmente são as suas próprias iniciais ou as dos colegas de classe. Porém, é fácil perceber que crianças que apresentam certo atraso verbal não realizam o bom fechamento do círculo, havendo também a ausência de características da figura humana nas suas composições, sendo necessário um tempo maior para que ela realize composições mais complexas.

Ilustração 2. Interpretação da história: desenho de A. (4 anos).



As crianças do Nível I, que se encontram com quatro anos de idade, demonstram ser mais detalhistas, principalmente as meninas. Na maioria dos desenhos, as folhas foram totalmente preenchidas e há uma vasta utilização de cores atentando para a correspondência cor-objeto: sol amarelo, árvores com copas verdes e caules na cor marrom, nuvens azuis. Pode-se observar também que os personagens “do bem”, como a Branca de Neve e os Sete Anões, receberam cores mais claras, e os detalhes da face, como olhos, nariz e boca, estão mais bem definidos, o que nos leva a acreditar que há uma análise de comportamento e juízo de valor do que é certo ou errado nos personagens da história.

Ilustração 3. Utilização de figuras geométricas e materialização de membros na figura humana:



desenho de G. (4 anos).

Segundo Greig (2004), por volta dos quatro anos de idade, o domínio recém-adquirido do quadrado é aplicado geralmente a casas; no nosso caso, também a castelos, havendo a presença de pequenos círculos ou pequenas cruzeiras para compor outros elementos da casa, como portas e janelas. Pode-se observar a presença da forma agregada na composição de flores e a visão aérea da criança expressa na figura da Branca de Neve dentro da caixa de vidro.

Além da preocupação com a utilização adequada das cores, observa-se nessa fase a importância da inserção dos membros inferiores na composição da figura humana. Greig (2004) afirma que todo elemento que possa dar materialidade ao corpo, principalmente os membros inferiores, pode ser encontrado nessa fase, que é considerada pelo autor o início da fase de ouro do desenho infantil. Alguns aspectos socioafetivos são respondidos nos desenhos das crianças: tristeza, alegria, raiva, medo ou o desejo de conhecer o novo, a sensação de que existe um longo caminho a ser traçado para conseguir aquilo que deseja no momento, como demonstrado na figura da Branca de Neve (Ilustração 3), em um caminho não tão longo, porém inacabado.

Ilustração 4. Linguagem Matemática e a evolução do desenho de animais: desenho de G. (4 anos).



Na ótica da Linguagem Matemática, 80% das crianças com quatro anos de idade já fazem correspondência da quantidade correta de personagens em seu desenho, porém ainda não representam graficamente o numeral. Na maioria dos desenhos, observou-se o

registro apenas da passagem que mais despertou seu interesse, especialmente o final, que nos contos de fadas é feliz e favorável aos personagens de bom comportamento, o que nos leva a acreditar que a criança já realiza tentativas de síntese do seu pensamento e daquilo que deseja expressar.

A evolução do desenho de animais, já estudada por Henry Wallon com crianças de seis a doze anos, se aplica também a crianças menores. A figura de animais de perfil é considerada uma modalidade rara e dificilmente encontrada em composições de crianças nessa idade, enquanto a modalidade do animal inteiramente de frente é considerada excepcional. Segundo Greig (2004, p. 72), “as patas, as orelhas e o rabo, atributos evidentes da animalidade, tomam lugar imposto pelo tema. As orelhas são meticulosas e geralmente incluídas à cabeça do desenho do animal, ao passo que são discretas e quase nunca inclusas na personagem”.

Ilustração 5. Novas leituras e intervenções na história: desenho de L. (5 anos).



As crianças do Nível II, que estão na faixa etária de cinco anos de idade, começam a realizar intervenções ou novas leituras das histórias, incluindo em seus registros aspectos da sua realidade, como objetos, animais de estimação ou brinquedos. Não há preocupação de correspondência de cores, aparecem composições de animais de perfil e, como ocorre com as crianças da faixa etária anterior, os personagens que praticam más ações ou possuem comportamentos que são repreendidos pela sociedade apresentam sua face incompleta, geralmente com cores escuras e traço forte, como é o caso da Madrasta da Branca de Neve. Isso demonstra que já possuem noção de certo ou errado e que sabem que as más ações trazem consequências desagradáveis para aqueles que as praticam.

Ilustração 6. Domínio de figuras geométricas e desencanto pelos contos de fadas: desenho de M. (6 anos).



As crianças com seis anos de idade, que se encontram no primeiro ano do Ensino Fundamental, demonstram domínio ao desenhar figuras geométricas, principalmente os meninos, que, além do quadrado, utilizado a partir dos quatro anos, empregam também em suas composições triângulos e círculos. Realizam correspondência cor-objeto, porém, quando solicitados a realizar uma atividade que não é do seu interesse, expressam seu descontentamento utilizando cores quentes ou pintando com o lápis de maneira intensa. Esse descontentamento, segundo Saber (1995), pode ser expresso de outras formas, como amassar o papel, rasgar, justapor traços sem inutilizar os anteriores ou simplesmente jogar a folha no lixo.

É característica marcante nessa faixa etária a exploração de todo o espaço disponibilizado no papel, bem como o estabelecimento de limites dentro do papel: Sol, nuvens, estrelas ficam na parte superior do papel, ao passo que na parte inferior geralmente é encontrado um longo traço representando o chão.

Nota-se um desencanto pelos contos de fadas, ocasionado pelo interesse em jogos eletrônicos ou outros brinquedos oferecidos pela mídia. As intervenções durante o conto da história foram constantes, principalmente as comparações estabelecidas com o filme de mesmo tema, o que demonstra um interesse voltado para os recursos audiovisuais. Apesar de 85% das crianças já se encontrarem no nível silábico-alfabético, não realizaram tentativa de registro escrito da história, diferentemente das crianças do nível II (cinco anos).

Percebe-se que o ato de desenhar deve ter uma motivação pessoal, estando ligado a conquistas internas. A criança desenha o que vê, o que sente, demonstrando a evolução do seu pensamento, independentemente de suas habilidades motoras. As aquisições no campo do desenvolvimento cognitivo serão facilitadas se os adultos – quer sejam pais ou

professores – se propuserem a “compreender” as conquistas de suas crianças e não “julgarem” as capacidades ainda não alcançadas.

Considerações finais

Durante este trabalho foi possível perceber a importância da compreensão do desenho como representação gráfica utilizada pela criança para registrar seu aprendizado e sua interpretação do meio social em que está inserida. Foi evidenciado que o grafismo passa por etapas sucessivas e importantes para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

Ressaltou-se a importância de o professor conhecer cada etapa evolutiva do desenho, readequando espaços, materiais didáticos, enfim, a sua própria práxis pedagógica a fim de favorecer o desenvolvimento das crianças.

Ademais, como a comunicação e a linguagem, o desenho é dinâmico, sofre modificações: o rabisco que para a criança agora representa a chuva mais tarde poderá representar um trovão. Nessa fase, não existe feio ou bonito, não se devem julgar as “incapacidades” da criança, mas toda produção é a busca por conquistas ainda maiores, sendo importante o professor compreender as etapas evolutivas do grafismo para melhor interpretar as produções de suas crianças.

A partir do projeto-ação e da análise dos desenhos das crianças, alguns questionamentos acerca do grafismo foram esclarecidos:

- Quando se fala de grafismo infantil no aspecto simbólico, é necessário voltar-se para Piaget, no que se refere ao conceito de semiótica. Ao desenhar, a criança inventa regras, faz de conta, cria personagens, aspectos importantes para o seu desenvolvimento cognitivo;
- Dar oportunidade para a criança desenhar, seja em casa ou na escola, com ou sem direcionamento didático, a tornará mais segura no seu traço;
- As intervenções realizadas pelos professores a fim de interpretar junto com a criança o seu desenho contribuirão para o desenvolvimento de sua oralidade;
- À medida que a criança amadurece seus esquemas cerebrais e domina melhor seu corpo (localização espacial), seu traço no papel torna-se mais legível e perceptível àqueles que não compreendem as etapas do desenho infantil;
- Cores, ornamentos, temas são aspectos que gradualmente aparecerão nas composições infantis, de acordo com seu desenvolvimento e forma de perceber o mundo;
- Mesmo sem domínio suficiente de coordenação motora fina e ampla, a criança representa o que deseja no papel, pois suas representações estão ligadas a conquistas internas;
- A disponibilidade de materiais diversos contribui para a criatividade, uma vez que favorece várias possibilidades de criação.

Assim, acredita-se que este trabalho possa contribuir para todos aqueles profissionais, da área de Educação ou não, que compreendem a Educação Infantil como etapa essencial para o desenvolvimento integral da criança ao chegar ao Ensino Fundamental, com destaque para o desenho infantil, palco de encenações particulares e início do caminho da aquisição da língua escrita convencional.

Quanto à práxis pedagógica, a certeza é de constante aprendizagem e aprimoramento, devendo ser repensada continuamente, construída em conjunto com outros profissionais de Educação Infantil da instituição escolar em que estão inseridos e

com a participação dos pais, haja vista que essa prática é primordial para o exercício da democracia na escola.

Conclui-se que a temática em questão é objeto de constante e inesgotável estudo, pelo fato de receber influências socioculturais e de ser símbolo de uma representação considerada atemporal: as inquietações humanas.

Referências

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. (Org.). *Educação Infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 1998.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GREIG, Philippe. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Infantil, v. 3).

OLIVEIRA, Martha Kohl de. *Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

SABER, Maria da Glória. *Psicologia do Pré-escolar: uma visão construtivista*. Colaboração de Vera Lucia Freire de Freitas Luís. São Paulo: Moderna, 1995.

ZABALZA, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.